

A Linguagem Performativa do Jornalismo (Contra fatos há argumentos)

Jair Antonio de Oliveira*

Índice

1	Intervenção	2
2	Linguagem Pragmática ou Pragmática da Linguagem	4
2.1	O Ato Performativo	5
3	Com (Claudere)	10
	Referências	11

Resumo

O objetivo deste trabalho é problematizar o chamado “fato jornalístico” e, conseqüentemente, as noções de linguagem e contexto no âmbito do jornalismo impresso a partir de uma metodologia de pesquisa qualitativa e com o referencial teórico da Pragmática Linguística (Mey, 1985, 1993; Rajagopalan, 2003, 2010 e Pennycook, 2010).

Palavras-chave: Pragmática, Linguagem, Contexto, Jornal.

Abstract

The aim of this paper is to discuss the so-called “journalistic fact” and, consequently, the notions of language and context in print journalism from a qualitative research methodology and the theoretical framework of linguistics Pragmatics (Mey, 1985, 1993; Rajagopalan, 2003, 2010 and Pennycook, 2010).

*Universidade federal do Paraná – UFPR. Grupo de Pesquisa Mídia, Linguagem e Educação

Key-words: Pragmatics, Language, Background, Journal.

Resúmen

El objetivo de este trabajo es cuestionar la “realidad periodística” y, en consecuencia, las nociones del lenguaje y el contexto en el periodismo impreso a partir de una metodología de investigación cualitativa y el marco teórico del lenguaje pragmática (Mey, 1985, 1993; Rajagopalan, 2003, 2010 y Pennycook, 2010).

Palabras clave: Pragmática del lenguaje, El contexto, Prensa.

1 Intervenção

UMA das frases corriqueiras nas redações de jornais, em assessorias de imprensa e na boca dos políticos é: “contra fatos não há argumentos”. Quer dizer, diante das evidências, dos dados, das provas, daquilo que foi feito¹, não há questionamentos válidos! Tão importante é o “fato” que se tornou objeto do jornalismo e a sua busca, a força motriz de um jornal. Os fatos não têm uma existência independente, uma vida *per se*. Fatos são práticas humanas que irão adquirir significação unicamente por meio de certos métodos estabelecidos neste ou naquele universo discursivo. O jornalismo enquanto prática “linguageira” tem os seus próprios métodos e, neste aspecto, não pode ser refutado unicamente com base em outro uso linguístico cotidiano; uma vez que o critério do que é ou não relevante nunca é o mesmo em diferentes jogos de linguagem.

Os manuais de redação jornalística apontam que a relevância está associada ao novo, ao trágico, ao sensacional, ao inusitado. Em outras palavras, é o caráter performático dos acontecimentos no mundo e a sua transformação em notícia o que realmente importa; mas isto depende do modo como o fato é enquadrado. A perspectiva torna um fato noticioso ou conduz a generalizações abusivas; pode ressaltar o caráter político das ações ou obliterar os recursos de um texto. Como as novidades que interessam ao jornal não estão prontas no mundo à espera de um observador arguto que os reproduza de uma forma “natural” é preciso

¹A etimologia da palavra “fato” é discutível, mas é possível associá-la com *facere* = fazer.

ressaltar que a percepção não é algo que acontece de forma passiva, mas uma atividade. E a língua não é um espelho que reproduz fielmente o universo de acordo com os desejos de um protagonista. Um critério usado para definir a importância de uma notícia é atender à necessidade de informação do “público-alvo”. Algo que dependerá das hipóteses e das perspectivas dos articuladores para a produção de um relato. Nem assim os efeitos que as ações jornalísticas têm sobre os leitores serão semelhantes, pois os critérios de importância não são os mesmos. Enfim, a relevância não é uma condição abstrata que preexiste ao uso da linguagem, uma condição intrínseca ao fato/objeto ou algo que possa ser definido a partir de critérios objetivos; sim, uma escolha, uma intervenção que se faz em torno de um acontecimento e que julgamos válido destacar em virtude dos valores que o fato agrega para esta ou naquela comunidade.

Qualquer ato em relação à linguagem usada no jornal é uma intervenção em/no objeto de estudo, que, aliás, não é e nunca será distinto do caráter político de nossas escolhas e de nossas crenças; seja assumindo uma posição empirista – os dados estão à nossa volta e basta coletá-los ou com uma posição racionalista – a reflexão a respeito das coisas existentes é o mais importante.

As abordagens empiristas muitas vezes acabam, por assim dizer, escolhendo seus dados (...) ao decidir de antemão quais corpora vão compor seu objeto de análise. (...) No caso de teorias de cunho racionalista, as hipóteses de origem especulativa não são, na verdade, submetidas ao crivo de dados independentes (...) (Rajagopalan, 2003:4).

E não é fácil alterar ideias consolidadas no âmbito do jornalismo. Em 16 de maio de 2011, Steve Lohr escreveu um artigo para o jornal *The New York Times* com o seguinte título: “Garimpar dados brutos pode aumentar produtividade”. E afirma, “dados são um material bruto essencial para a economia da informação, assim como o carvão e o minério de ferro eram durante a Revolução Industrial”. Sejam “dados” ou “fatos” ainda lidamos com as mesmas metáforas, isto é: a informação precisa ser “encontrada” ou “descoberta” no mundo circundante.

2 Linguagem Pragmática ou Pragmática da Linguagem

O dualismo acima é necessário, pois é preciso pensar, inicialmente, se existe uma concepção de linguagem pragmática. A resposta é sim, pois nesse viés a linguagem é um esforço deliberado e contínuo em forma de sinais gráficos, acústicos, gestuais (somáticos) e políticos para dar conta das necessidades materiais e psicológicas dos seres humanos. Construída e constituída nas/em práticas sociais, a linguagem é acima de tudo um ato performativo: normativo e transgressivo e, simultaneamente, Sujeito e ação construindo sentidos.

O sentido é o uso; o uso é a escolha; a escolha é o enquadramento; o enquadramento é a ação prática/cognoscente sobre/em; a prática/cognoscente é o ato político que nos leva a assumir uma posição valorativa diante dos nossos semelhantes. Enfim, é preciso evitar uma circularidade conceitual infinita assumindo a seguinte posição: perguntar pelo sentido de uma palavra ou frase equivale a perguntar como se usa essa palavra ou frase naquele contexto (embora isto remeta a outra discussão interminável sobre a noção de contexto). O “como” se usa a linguagem está relacionada à prática cotidiana local, carregada de conteúdos vivenciais que reverberam em nossas interações. A prática local não está ligada apenas ao gesto cotidiano, pois isto tornaria os seres humanos “habituais repetidores”, mas compõe a rede de crenças dos indivíduos, despertando aqui e acolá certas ressonâncias como emoções, desejos, afinidades e, conseqüentemente, relevâncias.

A condição performativa da linguagem garante, de uma forma que pode parecer contraditória, a identidade e a mutabilidade dos nossos comportamentos de uma forma nem sempre previsível ou esperada pelos próprios indivíduos. Isto assegura que nós não estamos “entendendo a mesma coisa” quando dizemos a “mesma coisa” embora possa nos entender de “outra maneira”. Em resumo, uma arquitetura dinâmica para o tempo e espaço (o contexto de uso) é vital para assegurar uma aproximação com a atitude alheia e garantir, minimamente, a cooperação jornalística entre as instâncias da produção e recepção (jornalista/leitor).

Assim, a linguagem pragmática depende da pragmática da linguagem. Não como uma dicotomia língua objeto x metalíngua; pois tal divisão é artificial e insustentável. Mas em uma relação crítica onde

uma concepção de linguagem performativa é problematizada a partir de sua condição de ingresso e ruptura em qualquer ambiente, tempo e prática sem as usuais restrições das teorias tradicionais. Ou seja, ao escolher o “mundo do uso” como seu leitmotiv, a pragmática reforça a impossibilidade de se limitar ou aprisionar os atos performativos em sua totalidade; embora não elimine o caráter mais duradouro da performance que é responsável pela normatividade que acompanha certos atos.

2.1 O Ato Performativo

“Não há evento sem a experiência”, observou Derrida (2002: 72). Neste viés, é o caráter performativo da linguagem que assegura aos indivíduos a “convivência” no meio da diferença e garante a existência física, psicológica e simbólica por meio da prática cotidiana que ressignifica os signos nas estruturas somática e cognitiva dos indivíduos. É uma atitude antirrepresentacional e permite ao Sujeito um dualismo criativo permanente, seja como “produtor” ou como “leitor” dos textos, isto é: de um lado, o caráter performativo da linguagem faz com que as coisas aconteçam, ou como dizia Austin (1990): “Dizer é fazer” (as palavras fazem as coisas acontecer). Por outro lado, é possível trazer para o relato certas coisas, afetos, emoções e acontecimentos que não estavam previstos ou não tinham uma existência a priori ao ato de ler. Quer dizer, na dimensão sócia-semiótica da linguagem o mundo é o resultado das ações permanentes, “do conhecimento em prática e do conhecimento compartilhado com os outros indivíduos” (Shotter, 1993:19).

No tempo e espaço do jornalismo uma das metáforas essenciais é a cooperação que, mesmo não sendo a comunicação, pode levar a ela. A cooperação é efêmera enquanto ato performativo, mas as reverberações deixam rastros cuja história acaba associada à potências que se apoderaram do processo para controlar os seus efeitos. A religião é um exemplo; o jornalismo, com a sua liturgia própria é outro. Esse rastro “duradouro” é um caráter normativo dos performativos regulado no jornalismo pela observância das:

- a) Máximas Conversacionais (Grice, 1975): Modo- seja claro; Qualidade- seja sincero; Quantidade – seja comedido; Relação – seja relevante;

- b) Máxima de Simpatia (Leech, 1983): minimize antipatia entre si e o interlocutor/ maximize simpatia entre si e o interlocutor.

As máximas (associadas a outras práticas típicas do jornalismo) não irão controlar a atividade instantânea do “estilo” e do uso concreto na escrita, ou seja: o performativo na linguagem não é reduzível aos aspectos sintáticos, fonológicos, morfológicos e semânticos e só é identificável quando as intenções “escapam” de seus autores gerando movimento e efeitos não previstos anteriormente e não descritos em uma arquitetura convencional para os textos. Quer dizer: um olhar linear para as tipologias textuais existentes não é suficiente para capturar o “efêmero”. Neste momento, não se trata mais dos aspectos normativos efetivados pelo controle político, mas de uma nova categoria de experiência que ainda precisamos lidar.

Quando o jornal “El Universo” (principal jornal do Equador) publicou a sua primeira página em branco (FSP, 22/07/11, A16 – Mundo)² como forma de protesto; não só estava evocando crenças³ mas as criando também! A página em branco é, simultaneamente, linguagem e ação. Num primeiro momento, o emprego da página em branco no jornalismo evoca um “script” com forte teor dramático, sociocultural, e por isso retém um caráter representacional. No trânsito do jornal com os leitores, no contraste pleno que o veículo oferece aos olhares diversos quando exposto em locais públicos sem os usuais recursos de editoração ocorre um ato performativo que elabora outros roteiros para os interlocutores. A legitimação desses efeitos dependerá do modo como os leitores se relacionarem com essa força, isto é: não ocorre um abandono deliberado da relação entre o Sujeito e o contexto; mas uma resignificação desse contexto de uma forma que não era imaginada antes do ato e que vai além do textual e do próprio local. Pode ocorrer um “empoderamento” ou a elaboração de formas de “resistência” por parte dos Sujeitos envolvidos nesse fazer específico:

(...) jornais equatorianos se uniram ao “El Universo” e publicaram colunas em branco em suas páginas de opinião.

²O jornal “El Universo” e os seus editores foram condenados ao pagamento de multa por divulgarem artigo contra o presidente equatoriano Rafael Correa.

³Crenças aqui em um sentido pragmático, ou seja, como “experiências vividas”, conhecimentos.

(...) parlamentares da oposição convocaram as pessoas a vestir preto também em protesto e outras pessoas se reuniram em protesto diante do Palácio do Governo (Folha de São Paulo/ Caderno Mundo, Edição de 23/07/11).

A indignação, aceitação ou a indiferença das pessoas diante dos acontecimentos revela como as crenças e emoções individuais são alteradas e muitas vezes completamente recriadas pelo uso da linguagem. Acontecimentos passados que não estão diretamente relacionados com a recente censura imposta ao jornal equatoriano podem surgir nas transações entre o jornalista e o leitor e “criar” novos agentes e comportamentos não imagináveis anteriormente apenas pela leitura de texto ou da página em branco. Em outras palavras, um ato de fala é realizado pelo ato de leitura e este processo não objetiva encontrar os sentidos na própria palavra, como em uma espécie de clausura semântica; mas, pragmaticamente, produzir sentidos adequados às circunstâncias e que sejam relevantes para os seus critérios e válidos para o seu posicionamento político diante de seus pares.

Neste viés, o termo “circunstâncias” refere-se às atividades que são centrais para a organização da vida social neste ou naquele ambiente e não é universalmente válido. O que se pretende dizer é que aquilo que as pessoas fazem com a linguagem é sempre o resultado de uma prática situada, histórica, temporal e, principalmente, política. O comportamento performativo do indivíduo (o uso político da linguagem) será articulado a partir de certas perspectivas e situado em determinadas histórias (Pennycook, 2010: 5).

Bollobás (2007:2336) coloca as pressuposições individuais como aspecto determinante para a articulação das decisões interpretativas; pois implicam naquilo que o leitor traz para o texto.

Em um caso extremo, quando a interação do contexto com o texto é descartada, significa que as nossas pressuposições pré-determinam as leituras; já, antes de nos engajar em uma leitura textual, aquelas suposições que existem independentemente do texto irão estabelecer a direção que a nossa interpretação irá tomar (Bollobás, 2007:2336. Minha tradução).

As circunstâncias sociopolíticas exigem uma constante posição valorativa do Sujeito diante dos outros indivíduos e isso converge para comportamentos performativos que transgridem e alteram as estratégias canônicas de produção e leitura dos relatos jornalísticos e a própria interação contextual de uma forma nem sempre previsível, desejável ou que possa simplesmente ser enquadrada nesta ou naquela lógica interpretativa. Estamos tão acostumados com uma forma hegemônica de leitura e escrita e com a natureza especificadamente cultural dos nossos esquemas que às vezes é difícil imaginar algo ocorrendo de outra forma – embora ocorra.

Figura 1 - Soledad Contreras/Efe



"El Universal" saiu com manchete "Condenados" e capa em branco no Equador, após ser condenado por criticar Correa

Podemos considerar a performatividade como “algo” que nós fazemos com as palavras para produzir linguagem em práticas cotidianas. Então, torna-se relevante pensar no contexto em que tais ações ocorrem e como esse local também é construído pelo que nós fazemos e dizemos. Uma topologia para o jornalismo (além da tipologia específica) que inclua a performatividade deve ir além da ideia de contexto como uma espécie de cenário onde a linguagem é recontextualizada em diferentes

situações: “recontextualização descreve ocorrências de um mesmo tipo em diferentes contextos” (Pennycook, 2010:35). A performatividade do texto jornalístico nunca é uma recontextualização, mas sempre uma construção de sentidos pelo movimento, pelo emprego de diferentes recursos, traços distintivos, códigos semióticos e recursos linguísticos.

Qual o segredo? “Fazemos jornais que não são chatos. Que levam às crianças e aos adolescentes o que querem ler e com uma apresentação colorida e atraente”, afirma François Dufour. “Le Petit Quotidien”, “Mon Quotidien” e “L’actu” são jornais compactos (quatro páginas o primeiro, oito os outros dois), com gráficos coloridos, fotos grandes e textos pequenos. No cardápio de assuntos, muita ecologia, curiosidades históricas, entretenimento e atualidades (Folha de São Paulo, B-10, Mercado, 03/08/2010).

A performatividade transcende os limites e os recursos textuais, sem restringir-se a página e ao jogo de estratégias visuais, ou seja, ao ambiente material. O relevante nessas circunstâncias é observar o modo como os indivíduos estão “usando” as palavras para criar linguagens e se relacionar com o mundo, a partir de novos *scripts*; que logo passam a fazer parte da natureza estática da teoria dos gêneros e serão substituídos por outros mecanismos e estilos numa transformação permanente. Muitos performativos não podem ser escritos, outros não podem ser falados e outros eventos, simplesmente, não são compreendidos nos paradigmas atuais. Embora haja um empenho para o desenvolvimento de meios que auxiliem as pessoas a organizar o espaço e o tempo (contexto) como forma de implementar a receptividade, facilitar o envolvimento interpessoal e implementar os negócios.

A condição performativa do jornalismo é a “arte do agora” e esse aspecto *obriga o jornal a* delinear tempo e espaço onde alguma coisa relevante esteja para ocorrer; algo que inclui “preço do alface”, “jogos estudantis”, “greve de servidores” e “pintura de viadutos”. São momentos que constituem o pulsar da cidade/mundo, cujas reverberações (efeitos) são coletivas e que serão recortadas em notícias e reportagens. As técnicas jornalísticas têm permitido aos redatores apreender o ritmo de vida urbana e colocá-la à disposição de outros interlocutores (com certas limitações); embora os agentes precisem adotar uma atitude de certo lirismo diante/e nas circunstâncias relatadas para dar conta do fluxo de vida que acontece.

Assim, por ligar-se ao instável, aos espaços das (im)possibilidades e pela sua relação dialética com um Sujeito que a/se constitui com/nos diversos movimentos é que os performativos podem falhar ao criar os acontecimentos. O jornalista não pode/deve falhar, mas “ele” não tem controle total sobre os signos que comportam uma força de ruptura com o seu contexto: “(...) Essa força de ruptura é não um predicado accidental mas a própria estrutura do escrito” (Derrida, 1991: 21). E com isso, a singularidade do acontecimento que rompe/interrompe um momento do tempo e espaço nunca será espetáculo original ao ser reportado nos jornais.

Vocês têm toda a razão de não saberem o que a palavra “performativo” quer dizer. É uma palavra nova, e é uma palavra feia, que talvez não signifique grande coisa. Mas, em todo caso, há algo a seu favor, o fato de não ser uma palavra profunda. Lembro-me de ter certa vez falado a esse respeito quando alguém disse em seguida: “Sabe, não faço a menor ideia do que ele quer dizer, a não ser que, talvez, ele queira simplesmente dizer o que diz (unless it could be that He simply means what He says) (Austin, 1979:233).

3 Com (Claudere)

Este artigo é uma investigação inicial sobre a linguagem performativa do jornalismo e algumas considerações podem ser feitas:

- a) A produção e a leitura do texto jornalístico não é representação (espelho) dos acontecimentos no mundo circundante, mas sempre uma construção (resignificação) da realidade que tem início em práticas locais, em certos enquadramentos, vivências históricas, culturais e, principalmente, políticas;
- b) A linguagem jornalística cria efeitos e leva os interlocutores a adotarem ou rejeitarem comportamentos, criações cognitivas ou de conhecimento, visões de mundo e posições políticas. Dito de outra forma: “as palavras fazem as coisas acontecer”;

- c) A legitimação dos efeitos depende do modo como os interlocutores se relacionam com esses efeitos, isto é: qual é o grau de envolvimento e conhecimento com as informações veiculadas e de que forma esses indivíduos irão cooperar no respectivo processo de resignificação; agregando fatos que não estavam previstos inicialmente ao relato ou atendo-se, apenas, ao texto e co-texto das informações. Isto é: os Sujeitos podem agregar, refutar, negar, desconhecer o *script* que é lhes é apresentado e elaborar outros *scripts* de acordo com a percepção que tem dos acontecimentos performando um ato inédito/inesperado(desconsiderando totalmente o contexto fornecido);
- d) A performatividade das palavras não é parte ou componente da noção de “relevância”; portanto, do que é veiculado pela mídia. A performatividade é uma condição intrínseca da própria linguagem em uso;
- e) Os performativos são atos convencionais, pois os indivíduos dependem de um roteiro prévio para iniciar as suas ações. No entanto, em sua performance, nem todos os performativos ficam restritos à “claudere” (fechamento), isto é: não é possível colocar uma “camisa de força” no uso geral da linguagem (somática, linguística);
- f) esta reflexão converge para o entendimento de que o mundo e os Sujeitos são construídos por meio de atos performativos, especialmente atos de fala; e atos de fala são ações e não comunicação e por isso há implicações éticas e políticas profundas em torno dessa ideia. Espaço, tempo e identidades humanas constituem o resultado das inúmeras combinatórias linguísticas que participamos ao longo de nossas vidas. Assim, a performatividade não é, apenas, estratégica, normativa ou/e transgressiva mas, acima de tudo, transformativa.

Referências

Austin, J. (1990). *Quando Dizer é Fazer: palavras e ação*. Porto Alegre: Artes Médicas.

- _____. (1979). *Philosophical Papers*. Oxford: Oxford University Press.
- Bollobás, E. (2007). “Performing texts/performing readings: a pragmatic understanding of the revisionist interpretation of American literature”, in: *Journal of Pragmatics* 39, p. 2332-2344.
- Derrida, J. (2002). *Without Alibi*. Stanford: Stanford University Press.
- _____. (2004). *Papel-Máquina*. São Paulo: Estação Liberdade.
- _____. (1991). *Limited Inc*. Campinas: Papirus.
- Grice, H. (1975). “Logic and Conversation”, in: Cole, P. & Morgan, J. (Eds.). *Syntax and semantics* 3. New York: Academic Press.
- Leech, G. (1983). *Principles of Pragmatics*. London: Longman.
- Pennycook, A. (2010). *Language as a Local Practice*. London: Routledge.
- Rajagopalan, K. (1994). “Linguagem e Cognição do Ponto de vista da Linguística Crítica”, in: *Veredas* 6, p.91-104.
- _____. (2003). *A Linguística de corpus no tempo e no espaço. Visão reflexiva*. Florianópolis: Editora da UFSC, p.23-44.
- Shotter, J. (2004). “Responsive expression in living bodies”, in: *Cultural Studies*, 18, p.443-460.